

O trabalho com a oralidade na aula de Língua Portuguesa: um olhar para o ensino médio à luz da BNCC**Working with orality in the Portuguese Language classroom: a look at high school in the light of BNCC**

Mary Hellen Batista dos Santos Severiano¹
Universidade Federal de Alagoas

Resumo

Há tempos o ensino de Língua Portuguesa vem ganhando um novo olhar buscando contemplar as mudanças que se estabelecem ao longo dos anos. Nesse cenário, os documentos oficiais têm papel fundamental na busca por metodologias que consigam proporcionar aos estudantes o desenvolvimento das suas habilidades. O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise sobre o ensino de Língua Portuguesa, com enfoque na sua modalidade oral. Para tanto, utilizamos como arcabouço teórico alguns estudos, tais como os realizados por Dolz (2010), Bueno (2005), Marcuschi (2001), Kleiman (1995) e Rojo (1998), entre outros que discorrem sobre o ensino de Língua Portuguesa em diversas modalidades. Nosso trabalho, em sua metodologia, busca analisar a Base Nacional Comum Curricular elencando algumas das competências e habilidades que abordam a oralidade, bem como refletir sobre as práticas de ensino utilizadas e as possibilidades de novas metodologias de ensino. Como resultado, apresentamos a percepção dos avanços que são necessários para a implantação da proposta da base nacional com o fito de desenvolver, no aluno, de modo eficiente, as habilidades referentes às práticas de linguagem no que concerne à modalidade oral da língua.

Palavras-chave: Ensino. Língua Portuguesa. BNCC. Oralidade

Abstract

For some time now, Portuguese language teaching has been given a new look to take account of the changes that have taken place over the years. In this scenario, official documents play a fundamental role in the search for methodologies that can help students develop their skills. The aim of this paper is to present an analysis of Portuguese language teaching, focusing on its oral modality. To this end, we have used some studies as a theoretical framework, such as those carried out by Dolz (2010), Bueno (2005), Marcuschi (2001), Kleiman (1995) and Rojo (1998), among others, who discuss the teaching of Portuguese in various modalities. Our work, in its methodology, seeks to analyse the National Common Core Curriculum by listing some of the competences and skills that address orality and reflecting on the teaching practices used and the possibilities of new teaching methodologies. As a result, we present the perception of the advances needed to implement the proposal of the national base to efficiently develop students' skills relating to language practices about the oral modality of the language.

Keywords: Teaching. Portuguese Language. BNCC. Orality

¹ Formada em Letras, pela Universidade Federal de Alagoas. Mestre em Linguística e Doutoranda do programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura pela mesma IES. <https://orcid.org/0000-0002-0112-5871>. Email para contato melhbseveriano@gmail.com

Introdução

Ao longo dos anos, o ser humano desenvolve inúmeras habilidades as quais são importantes para o seu convívio social. Entre estas ferramentas fundamentais para compor suas relações sociais, a linguagem é elemento importante, sendo objeto de estudos em diferentes áreas da ciência. Nesse sentido, a oralidade se destaca como elemento que caracteriza o homem e suas relações sociais.

Diante desse contexto, podemos observar que o desenvolvimento da oralidade ocupa um papel primordial nos primeiros anos de vida. Com o decorrer dos anos, e mais precisamente com o início da vida escolar, a escrita nos é apresentada como um lugar de prestígio nas relações sociais, subjugando a oralidade. Logo, no escoar dos anos escolares, paulatinamente, o trabalho com a modalidade formal da língua escrita é ampliado, e a oralidade é apresentada e trabalhada como uma ferramenta que, quando utilizada, pode gerar certo desconforto por parte dos alunos.

Ademais, os currículos desenvolvidos em torno dos documentos oficiais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de certo modo, legitimam o espaço da escrita em detrimento ao espaço da fala nas diversas componentes curriculares. Com a implementação da Nova Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, a oralidade se correlaciona e se agrega a elementos, tais como: a autonomia do estudante e a argumentatividade, os quais são essenciais para o desenvolvimento das competências e habilidades elencadas no referido documento.

Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo maior refletir sobre o espaço destinado à oralidade nas aulas de Língua Portuguesa (LP). No espaço destas aulas, nosso recorte será o ensino médio, uma vez que durante esta etapa os alunos já percorreram diversos gêneros orais e escritos e buscam aprofundamento destes.

Diante do cenário apresentado, nossa análise se justifica na necessidade de se pensar, cotidianamente, tanto os obstáculos apresentados no trabalho com a oralidade, quanto o movimento de implementação da nova base nas salas de aula da educação básica. Desse modo, nossa metodologia se configura como pesquisa-ação, conforme aponta (Morin, 2004, p.52) “ele o investigador se implica, ele se explica e ele se aplica em uma realização educativa”

Buscando organizar nossa reflexão, o texto apresenta algumas questões norteadoras. Inicialmente, discorreremos sobre o espaço da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa. Posteriormente, pontuaremos o enfoque dado a esta, em conformidade com a BNCC e a nova perspectiva de ensino médio. Por fim, discutiremos algumas propostas de atividades, com o objetivo de visualizar, na prática, as possibilidades e complicações relacionadas ao trabalho com a oralidade.

Aula de língua portuguesa: ler e escrever, mas e falar?

Ao visualizar o ambiente escolar, muitos alunos já vislumbram um lugar de regras não só de convivência do espaço, mas também de regras relacionadas ao silêncio. Longe de propor um ambiente barulhento, nossa inquietação inicial tem por finalidade pontuar que o espaço escolar é muitas vezes caracterizado pela ausência do diálogo, uma vez que para muitos profissionais da educação a aula dialogada pode prejudicar o andamento do plano de aula e, conseqüentemente, do cronograma. Sendo assim, o silêncio dos discentes contribui para o bom andamento da aula e para a exposição feita pelo professor.

Vale destacar que essa metodologia de aula exclusivamente expositiva que é ainda bastante comum no cotidiano escolar e vem sendo um ponto de embate com a proposta apresentada pela BNCC, onde o protagonismo do aluno é um elemento basilar para o desenvolvimento das habilidades dele ao longo da educação básica. Desse modo, o silêncio, muitas vezes exigido para o bom andamento da aula, pode ser compreendido como um elemento que reforça o lugar que a oralidade ocupa nas salas de aula.

Para além do exposto anteriormente, a ausência de um diálogo, que norteie o desenvolvimento das habilidades dos educandos, pode ser consequência do espaço culturalmente atribuído a fala e a escrita no referido contexto. Embora a tradição oral esteja presente na sociedade, é possível observar que o ambiente escolar vai, gradativamente, hierarquizando os momentos de oralizar, de ler e de escrever. A leitura é aqui inserida para que possamos recordar que, em alguns momentos, o trabalho com a oralidade aparece caracterizado pela oralização da escrita. Ou seja, o aluno realiza a leitura em voz alta.

Esse espaço de oralização é muito comum ao longo do ensino fundamental anos iniciais. Contudo, é possível verificar que, no decorrer dos anos, os alunos vão, aos poucos, apresentando certo desconforto relacionado à leitura em voz alta, quer seja devido à dinâmica do currículo escolar, o qual amplia a quantidade de disciplinas e a carga de atividades, quer seja pela ausência de metodologias que fomentem no aluno a vontade de socializar as leituras e posicionamentos por meio da oralidade, restringindo a eventos pontuais o trabalho com a modalidade oral da língua.

Vale salientar também que os momentos para a oralização, quase sempre motivados por um gênero como debate, podem mobilizar um aluno que lida com mais naturalidade com o ato de falar em público. Logo, a depender do direcionamento dado pelo professor, o debate pode ser um momento de oralidade e socialização, ou de exclusão de conhecimentos e experiências. Acrescenta-se a isso o fato de o gênero em questão está ancorado em uma fala que se aproxima muito da escrita formal. Sobre esses aspectos, Schneuwly e Dolz (2004) pontuam as diferentes atividades desenvolvidas sobre a expressão oral, as quais contemplam tanto os elementos verbais quanto os não-verbais.

Sendo assim, a exemplo do que nos mostra os estudos realizados por Schuneuwly e Dolz (2010), Bueno (2005), Marcuschi (2001), Robins (1979) entre outros, percebe-se que o ambiente escolar aparenta ser um lugar onde, por vezes, verifica-se uma relação de conflito no que se refere ao trabalho com a oralidade. No que concerne ao ensino de LP, essa

relação conflituosa talvez seja um reflexo da distância que existe no ensino da língua, o qual é pautado pela tradição gramatical com ênfase nas regras, e o uso cotidiano da língua.

Seria a tradição gramatical um obstáculo para a oralidade nas aulas de língua portuguesa?

As aulas de LP, segundo Ranzinni (2000), utilizavam exercícios de recitação, leitura em voz alta e ou leitura expressiva como instrumentos didáticos durante a segunda metade do século passado. É de se imaginar que os textos oralizados durante as aulas configuravam os modelos de língua prescritos nos clássicos da literatura quer fossem eles escritos em verso ou prosa.

Esse cenário não sofreu grandes modificações ao longo dos anos. E as atividades propostas nessa perspectiva objetivavam o trabalho com a pronúncia, fixação de conteúdo ou “treinamento” para um falar cheio de desenvoltura, sendo este último objetivo a ser utilizado inclusive em contextos informais de comunicação.

Desse modo, é importante localizar que o estudo realizado por Razinni relata o início da implementação da Língua Portuguesa no currículo escolar em um período no qual alunado era composto, primordialmente, pela elite da sociedade. Para além do corpo discente, verifica-se também que há uma esperada distância entre o que se pretendia naquele tempo e no que se objetiva hoje nas aulas de língua.

A partir da década de 1980, mais especificamente com a composição dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1988, já era possível verificar um novo formato de escola, agora composta por um corpo discente mais diversificado, e que tinha seu currículo configurado com base nos estudos em linguagem. Nesse contexto, os gêneros textuais - orais e escritos - foram eleitos como eixos norteadores para o ensino de LP.

A oralidade ganha, assim, uma nova abordagem metodológica que considerava tanto o contexto discursivo dos alunos, bem como buscava ampliar o repertório já apresentado por eles. Embora não aponte para um entendimento crítico da prática da oralidade, é possível vislumbrar um avanço na abordagem metodológica que estava ancorada em um momento de efervescência dos estudos em linguagem.

Logo, a implementação de um novo currículo aponta para um uso mais relacionado às práticas sociais de uso da língua oral. E o reflexo da nova perspectiva metodológica, relacionada ao novo currículo, pode ser o elemento que subsidiou as reflexões sobre as práticas docentes cotidianas. Então, a resposta a indagação apresentada nessa seção é que, aos poucos, as normas gramaticais abrem espaço para outros usos da língua, inclusive no que se refere à oralidade.

A BNCC no Ensino Médio: uma nova proposta para o trabalho com a oralidade?

Ainda refletindo sobre o trabalho com a oralidade, à luz dos documentos oficiais, a BNCC, que entrou em vigor em 2018, aponta para uma estratégia diferente no que tange a configuração dos conteúdos e dos eixos que direcionam o ensino de língua portuguesa, a saber: leitura, escrita, oralidade e conhecimentos sobre a norma padrão da língua.

Para esta seção, observamos apenas as competências, gerais e específicas, relacionadas ao ensino de LP para o ensino médio, compreendendo que para esta etapa da educação básica há um aprofundamento dos conteúdos apresentados nas etapas anteriores. Logo, os alunos já deveriam apresentar certa desenvoltura no uso da língua diante dos diferentes contextos comunicativos.

Agrega-se a isso que a criticidade sobre os fatos da língua também são características esperadas no contexto mencionado. Assim, dando continuidade à perspectiva discursiva da linguagem apresentada pelos PCNs, a nova base curricular organiza o ensino de língua portuguesa nos campos de atuação a saber: campo da vida pessoal, campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático, campo de atuação da vida pública.

Na BNCC, as práticas e linguagens – leitura, escrita e oralidade – buscam apresentar um contexto para os conhecimentos aprendidos na escola, o que ocorre (ou deveria ocorrer) por meio de situações provenientes da vida social e que devem ser significativas para os alunos. Dito de outro modo, a base propõe que o trabalho com a língua tenha uma referencialidade fora das paredes da escola, tornando o ensino produtivo e contextualizado com as situações comunicativas presentes na vida dos alunos.

Deste modo, a estrutura da base nos apresenta, em suas linhas e entrelinhas, as noções de letramento, ou letramentos, que fundamentam os currículos escolares, conforme apontam Kleiman (1995) e Rojo (1998) as quais corroboram que a ideia de letramento ultrapassa os muros da escola, uma vez que se mobilizam conhecimentos necessários para tornar os alunos habilidosos no que tange às práticas sociais da linguagem. No que concerne ao nosso objeto, conforme apresenta a BNCC

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (Brasil, 2018, p. 78-79)

Isto posto, o texto presente na BNCC referente à competência específica de linguagens nos apresenta um panorama do ensino de língua portuguesa pautado na reflexão crítica sobre a língua, reconhecendo-a conforme aponta a quarta competência, específica para a área de linguagens e suas tecnologias a saber:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (Brasil, 2018, p.55)

A citação acima reproduz a única dentre as sete competências específicas apresentada na área, competência 4, que aborda explicitamente o trabalho com a oralidade. Reconhecemos que as demais competências podem, de maneira indireta, pressupor o trabalho com a modalidade oral da língua, contudo, esta não aparenta ser uma preocupação no texto. Contudo, por vezes, o que é preconizado pela competência acima mencionada, está restrito a alguns textos que abordam questões como as de variação linguística, por exemplo. Ademais, ainda a depender da abordagem feita pelo docente no que tange ao exemplo apresentado, o estudo com base na quarta competência busca, quase sempre, fixar os tipos e características das variações.

No que tange às habilidades específicas para o ensino da LP, organizadas de acordo com os campos de atuação, cabe-nos apresentar alguns destaques, os quais estão listados abaixo

(EM13LP14) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.) (Brasil, 2018, p.500)

O primeiro destaque, refere-se a uma habilidade que está diretamente relacionada à quarta competência e a todos os campos de atuação social. Nela observamos, explicitamente, o trabalho com textos orais concernentes ao contexto de produção, bem como a variedade linguística. Espera-se, portanto, que o trabalho com a oralidade não mais reproduza apenas os modelos consagrados de falas apresentados e pautados nos textos literários e na tradição gramatical, mas contemple os textos que circulam no cotidiano do aluno considerando suas nuances e características. Algumas atividades que utilizam a música ou a poesia podem auxiliar no desenvolvimento desta habilidade.

O segundo destaque, contextualizado na mesma competência e apresentado a seguir, aponta especificamente para o fenômeno da variação em seus diferentes níveis,

entre eles o fonético-fonológico, o que pressupõe a oralidade como elemento de destaque e abre espaço para uma análise socio-geográfica sobre a Língua Portuguesa.

(EM13LP17) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos. (Brasil. 2018, p.500)

Isto posto, pode-se perceber que o documento apresenta um posicionamento que preconiza o ensino de LP de forma mais crítica e contextualizada. No entanto, diante de toda a complexidade e considerando as inúmeras competências e habilidades, o cuidado com a oralidade aparenta ser insuficiente para direcionar as práticas docentes nesse eixo, uma vez que apenas duas habilidades e uma competência abordam o eixo de maneira direta. Sendo assim, não há um direcionamento eficiente, cabendo às escolas, e mais especificamente aos gestores, buscar meios que orientem os docentes para a elaboração de atividades que desenvolvam, nos alunos, essas habilidades.

Esse cenário desperta mais uma inquietação: diante das orientações presentes na BNCC, como é possível trabalhar a oralidade nas aulas de LP no ensino médio de modo a contemplar os diversos contextos comunicativos? Ao refletir sobre essa questão, e observando o espaço da sala de aula em nosso cotidiano, é fácil visualizar tanto os avanços metodológicos, bem como as práticas estanques ainda utilizadas, pontos estes que são objetos de discussão na próxima seção.

Como trabalhamos a oralidade nas aulas de Língua Portuguesa no ensino médio?

Esta seção apresenta algumas ponderações e inquietações que surgiram quando o “novo” ensino médio foi apresentado, e a proposta pedagógica para a implementação do currículo colocada em prática. Antes de começar a refletir sobre as práticas relacionadas à oralidade, é importante apresentarmos o contexto no qual estão inseridas essa nova roupagem para o ensino médio.

Ao longo dos anos, o ensino de LP apresentou como elemento norteador o livro didático e os conteúdos e nele presentes os quais privilegiavam o ensino das regras gramaticais que, por vezes, era dissociado dos gêneros textuais e/ou discursivos. Sendo assim, vivíamos e vivemos uma escola em que o silêncio é importante para aprender as regras gramaticais, haja vista que era por meio dele a regra era exposta e memorizada, havendo pouca ou nenhuma reflexão sobre o uso.

Contudo, a partir dos documentos oficiais, dentre os quais destacamos a BNCC, a concepção de língua como prática social reflete um novo movimento para o ensino da Língua Portuguesa, haja vista que não se pode mais ensiná-la sem ensinar o sujeito a viver e se comunicar em um mundo de variadas práticas de linguagem.

Nesse cenário, o Letramento Crítico (LC) compreende uma perspectiva de ensino de língua que fomenta no aluno um engajamento, no que concerne às práticas de linguagem, uma vez que ele é um sujeito social e agente de mudança na sociedade. Logo, busca-se organizar os recursos para o trabalho com a linguagem de modo a promover uma reflexão sobre o uso que se faz da língua dentro e fora da sala de aula. Para tanto, o professor deve ter consciência sobre a dimensão social da língua, conforme aponta (Bakhtin, 2002, p.5) “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades e mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”

Não obstante, o espaço para a oralidade, na sala de aula, está quase sempre associado aos gêneros como debate, seminários, exposições e feiras. Na tentativa de um trabalho com a oralidade, essas atividades levam o discente a uma oralização de textos previamente construídos na intenção de preencher o tempo de fala a ele ofertado.

Com a revolução tecnológica, ocorre a ampliação da sala de aula e com isso a ampliação do trabalho com a oralidade, haja vista que, por meio das tecnologias, vlogs, stories e vídeos curtos também podem ser utilizados como recursos pedagógicos. A partir dessa nova ferramenta, o espaço para o trabalho com a oralidade ganha uma roupagem em que o ensino da língua ultrapassa o aprendizado das regras e se debruça sobre o contexto social, político e cultural no qual o aluno está inserido, conforme aponta Monte Mor.

Essa premissa a interpretação de que a escola não mais representa o único local privilegiado de aprendizagem para o aluno. Deduz-se que, durante longo tempo, as propostas educacionais priorizavam o modelo singular e a homogeneidade, sendo muito recente a abertura para a diversidade, a heterogeneidade e as formas plurais de conhecimento. (Montemor, 2014, p.35)

Ao considerarmos a fala da autora concluímos que, para além do espaço e do uso das ferramentas, a forma como se concebe o ensino pressupõe um modelo de aula que leve em conta os conhecimentos que os alunos já apresentam sobre a língua. Logo, a pluralidade de conhecimentos não só teóricos, mas também contextuais é elemento basilar e que compreende o ensino de língua sob a ótica da LC.

Nos anos do ensino médio, espera-se que os alunos possuam certa maturidade e naturalmente se posicionem de maneira mais crítica sobre o mundo que os cerca e sobre a língua que eles utilizam em seus diversos contextos, respaldados pela imensa gama de informações que circulam. Nesse viés, o dinamismo e a diversidade de informações, que circulam no mundo e no contexto dos alunos, podem fazer com que as aulas de língua

portuguesa pareçam ainda mais maçantes e descontextualizadas quando estas objetivam apenas a análise das regras gramaticais.

Isto posto, é importante destacar a necessidade de se pensar em práticas que possam ser complementares, fomentando no aluno a vontade de interagir e refletir sobre a língua. Nesse sentido, atividades como leituras em voz alta e elaboração de um vídeo para a rede social da escola podem conviver em um mesmo espaço, conforme corrobora Rojo (2009) ao afirmar que o trabalho com a oralidade deve apresentar nuances que refletem o momento e o contexto social dos alunos e deve, portanto, ser amplo e múltiplo.

No que tange ao fazer docente, vivemos um momento de reconhecimento ou ajustes na implementação do novo ensino médio. Sendo assim, o ensino de LP, amparado na BNCC, propõe uma revisão e possível atualização das metodologias relacionadas ao trabalho com as linguagens, o que, quando associado ao contexto descrito anteriormente, faz o nosso desafio ainda maior. Um exemplo claro do nosso desafio cotidiano é a presença, cada vez mais marcante, dos gêneros digitais veiculados por uma diversidade de suportes que se apresentam com suas singularidades, exigindo do professor e da escola uma nova perspectiva de abordagem do ensino de língua.

Na contramão dos gêneros atrelados à tecnologia, ao revisitarmos nossas práticas, é possível observamos a permanência de algumas metodologias que são utilizadas desde a implementação do ensino de língua portuguesa, que data da metade do século passado, como, por exemplo, a leitura em voz alta dos textos apresentados nos manuais didáticos. Tal prática, para muitos alunos, pode se configurar como um castigo e acentuar o desconforto sentido em realizar uma leitura para toda a turma.

Por outro viés, gêneros como debate, seminário e entrevista continuam circulando nas séries do ensino médio, cabendo ao professor orientar os alunos sobre as particularidades que caracterizam cada um desses gêneros. Ainda sobre estes, vale destacar que, muitas vezes, a apresentação oral é feita por meio da memorização de textos previamente escritos, de modo que se pode observar a pouca naturalidade no momento da elocução. Entretanto, há nessas atividades um mérito ao retirar o aluno do lugar do silêncio, ou da conversa com o mais próximo, e o colocar em um lugar onde a sua fala ganha destaque.

Outro aliado do trabalho com a oralidade são os projetos que sugerem exposição e argumentação, uma vez que há, no desenvolvimento de suas etapas, a possibilidade de se trabalhar a oralidade nos mais diferentes contextos comunicativos. Ademais, essa ferramenta permite ao aluno exercitar o seu protagonismo e mobilizar os conhecimentos necessários para uma análise crítica sobre o que está sendo objeto de estudo.

Por fim, o ambiente digital permite um trabalho lúdico com a oralidade, haja vista que envolve os alunos, pois faz parte do contexto no qual eles estão inseridos. Embora aparente ser um ambiente hostil para muitos professores, na última década, observou-se um crescente número de usos dos recursos tecnológicos na sala de aula. Esses recursos ganharam destaque com o contexto pandêmico, e evidenciam a necessidade de uma escola tecnológica, embora nem todas as escolas possam avançar de maneira proporcional na utilização de ferramentas digitais para o ensino.

Portanto, em resposta à pergunta que inicia a presente seção, o trabalho com a oralidade nas aulas de Língua Portuguesa, no ensino médio, não parece tão longe do que se buscava fazer antes da implementação da nova base. Contudo, é inegável o ensino da língua como um fenômeno social, assim como a aceitação de que as práticas de linguagem, que nem sempre são contempladas em sala de aula, vem ganhando espaço, fazendo-nos refletir cada vez mais sobre o nosso trabalho e dialogar com nosso aluno.

Conclusão

Neste artigo, consideramos a oralidade como elemento de destaque no ensino de Língua Portuguesa e, a partir disso, propomos uma análise sobre como o trabalho com esse eixo acontece durante o ensino médio. Em nossa breve perspectiva histórica, concluímos que, durante a implementação do ensino de LP, o trabalho com a oralidade tinha o objetivo primordial de oralizar textos escritos para ampliar a desenvoltura do aluno.

Com a implementação dos documentos que norteiam o ensino de língua, os quais estão ancorados nos estudos sobre linguagem, um novo panorama de práticas é desenhado. Na trajetória desses documentos, destacamos a BNCC que busca contemplar em seu texto algumas das realidades atuais e propõe um olhar mais crítico para o ensino da LP.

Para além disso, na descrição de suas competências e habilidades, fica clara a intenção de ampliar o conhecimento e habilidades desenvolvidas nos alunos durante os anos anteriores ao ensino médio. Entretanto, no que se refere ao eixo oralidade, ao consultarmos o texto, percebemos que dentre todas as competências e habilidades, gerais e específicas, apresentadas poucas norteiam de fato o trabalho sobre o eixo.

Por fim, uma análise sobre nossas práticas nos leva a pensar possibilidades para ampliar o que já vem sendo realizado e que tem resultados positivos, bem como nos abre os olhos para as outras possibilidades de fomentar o trabalho com a oralidade nas nossas aulas considerando o cenário atual.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. Ed. , São Paulo: Hucitec, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao>.

BUENO, L. **Gêneros orais na escola**: necessidades e dificuldades de um trabalho efetivo. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 11, n. 1, jan./jun. 2009

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretaria de Ensino Fundamental, 1998.

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B.; PIETRO, J-F de; ZAHNA, G. **A exposição oral.** In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Orgs.) Gêneros orais e escritos na escola. 2. ed, Campinas, SP: Mercado de

KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**”. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). Os significados do letramento. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61..

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas, SP: Unicamp, 2005. 132 p.

KLEIMAN, Angela B. **Ação e mudança na sala de aula:** uma pesquisa sobre letramento e interação. IN: ROJO, Roxane. Alfabetização e letramento. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

MARCUSCHI, Luís Antonio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez Editora, 2001 a.

MARCUSCHI, Luís Antonio. **Oralidade e ensino de língua:** uma questão pouco falada”.In: Dionísio, A.& Bezerra, M.A. O livro didático de Português. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001 b.

MONTE MOR, Walkyria Maria. **Convergência e Diversidade no Ensino de Língua:** Expandindo visões sobre a “diferença”. Polifonia, v.21, n. 29, p. 234-253, jan. / jul.2014.

MORIN, A. **Pesquisa-ação integral e sistêmica – uma antropopedagogia renovada.** Rio de Janeiro: DPA, 2004.

RAZZINI, M. P. G. **O Espelho da Nação:** a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971). 2000. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos escolares:** coletânea de textos nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Perspectiva. Florianópolis, v. 28, n. 2, jul/dez. 2010. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/rp/v28n02a07.pdf>.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização por R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.